



Porta-aviões americano chega ao Brasil

Da EFE

Rio de Janeiro, 26 fev (EFE).- O porta-aviões da Marinha americana USS Carl Vinson chegou hoje ao Rio de Janeiro procedente do Haiti, onde prestou ajuda humanitária aos afetados pelo terremoto que devastou a nação caribenha em 12 de janeiro.

O USS Carl Vinson, com uma tripulação de aproximadamente 4 mil pessoas, permanecerá no porto do Rio de Janeiro até domingo para desenvolver trabalhos conjuntos entre as Marinhas americana e brasileira.

"Trata-se de uma interação baseada no respeito mútuo e nossa intenção é estreitar ainda mais nossos acordos e atividades conjuntas", assegurou o embaixador dos EUA no Brasil, Thomas Shannon.

Durante 18 dias, a tripulação do USS Carl Vinson colaborou para a transferência de feridos do terremoto no Haiti por helicópteros até hospitais na Flórida, Estados Unidos.

Na ativa desde 1980, o USS Carl Vinson mede 333 metros de comprimento, 78 metros de largura e 74 metros de altura, e capacidade para transportar 60 aviões e 15 helicópteros, além de uma tripulação de 6.250 membros.

Atracado no Píer Mauá, o Carl Vinson leva a bordo cinco helicópteros e 22 aviões, entre eles 12 caças F-18 da fabricante americana Boeing.

A última vez que um porta-aviões americano visitou o Brasil foi em abril de 2008, quando o USS George Washington participou da 48ª edição da Operação Unitas, um encontro internacional de embarcações e aeronaves militares. EFE

Grandes empreendimentos prometem mudar a cara da Lapa boêmia

Prédio da estatal Eletrobrás vai ficar perto demais dos Arcos, dizem críticos. Produtor cultural Perfeito Fortuna festeja chegada da turma do dinheiro.

Patrícia Kappen Do G1, no Rio

O projeto para a Rua Evaristo da Veiga é construir três prédios interligados por corredores (Foto: Divulgação)

A construção de três grandes empreendimentos imobiliários será uma das âncoras do renascimento da região mais boêmia do Rio, a Lapa, no Centro da cidade, conhecida, principalmente, por sua vida noturna.

O impacto da instalação dos três complexos de edifícios, por onde cerca de onze mil funcionários circularão diariamente, fora os clientes será grande. Os donos dos restaurantes da região se planejam para o aumento da freguesia, o que significa mais trabalho e mais faturamento.

Sete prédios no total

O projeto para a Lapa pode acabar saindo do papel antes mesmo da [revitalização da Zona Portuária do Rio](#), um dos principais objetivos do prefeito do Rio, Eduardo Paes.

Uma das empresas que vai se mudar para a Lapa é a Eletrobrás. Ainda não há data para o início da obra, mas a expectativa é de que no terreno, localizado atrás da Fundação Progresso, onde se realizam shows, peças e cursos, subirão duas torres, onde trabalharão os cerca de dois mil funcionários da companhia.

Encravado numa área tombada, os críticos dizem que o futuro prédio da Eletrobrás poderá destruir mais do que ajudar a respeitável Lapa, já que o gabarito poderá chegar a 44 andares. Eles alertam que a estatal ficará perto demais dos veneráveis Arcos da Lapa e da Catedral Metropolitana, um prédio para o qual os arquitetos costumam fazer cara feia.



Os edifícios devem ter 16 pavimentos em 57 metros de altura (Foto: Divulgação)

Sob o ponto de vista dos críticos, haveria mais uma ameaça. Do outro lado dos Arcos, na Rua Evaristo da Veiga, serão derrubadas 14 casas antigas - todas sem valor arquitetônico e nenhuma delas tombada.

O Grupo Opportunity, que comprou a área, vai transformar o terreno em um grande canteiro de obras para erguer ali três prédios.

O projeto prevê a instalação dos três edifícios interligados, numa área privativa de 53 mil m². "É um espaço para grandes escritórios", disse Jomar Monnerat, gestor do fundo imobiliário da empresa. Outro responsável pelo projeto, Ronaldo Pinto de Oliveira, afirma que é uma opção para empresas que planejavam ir para a Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio.

"No Centro temos transporte, uma infraestrutura melhor. No prédio, há possibilidade de uma empresa alugar uma sala de 3,9 mil metros quadrados, se quiser", completou.

Pronto para a Copa

O arquiteto do empreendimento, Edmundo Musa, explicou que o pavimento térreo contará com jardins e área interna onde podem ser instalados restaurantes e lojas. "Será um espaço privado, mas aberto ao público", disse.

A garagem dos edifícios terá três andares, com uma capacidade para 500 veículos cada. Sete mil pessoas devem circular pelos corredores e pelos 23 elevadores dos três edifícios. A previsão é de que a planta saia do papel em 2011, com a obra terminada para a Copa do Mundo, em 2014.

"As salas só serão alugadas, não vamos vender nada, para que ninguém compre e deixe o lugar parado, aguardando a especulação imobiliária. É para o uso imediato", disse Ronaldo.

Com previsão de conclusão já em 2010, o terceiro empreendimento que promete dar ainda mais movimento humano à luz do dia na Lapa está em andamento na Rua dos Inválidos. Um complexo com quatro blocos divididos em dois prédios com um total de 185 mil m² de construção. Só de vagas na garagem serão 1,7 mil.

Porta-aviões dos EUA faz campanha para Boeing no Rio

WILSON TOSTA - Agencia Estado

Tamanho do texto? **A A A A**

RIO - Depois de 16 dias socorrendo vítimas do terremoto no Haiti, o porta-aviões norte-americano USS Carl Vinson chegou hoje à Baía de Guanabara em outra missão de socorro, desta vez em favor da Boeing, autora de uma das propostas para vender 36 caças ao Brasil no projeto FX-2, de US\$ 10 bilhões. Tendo a bordo 60 aviões, entre eles alguns F-18 Super Hornets - que a empresa oferece na disputa contra os Rafale da francesa Dassault e os Grippen da sueca Saab -, a embarcação de 332,85 metros, e com dois reatores nucleares virou paisagem para o comandante do Grupo-Tarefa de Porta-Aviões N° 1+ dos EUA, contra-almirante Ted Branch, elogiar o produto americano. Um representante da Boeing, Michael Coggins, também deu entrevista, oferecendo aos brasileiros parceria para transferir tecnologia e desenvolver a próxima geração do jato, com a Embraer e outras empresas do setor.

"Não sou vendedor, nem representante", afirmou Branch, sorridente, na conversa de menos de quinze minutos em terra, no Pier Mauá. "Sim, temos F-18 a bordo. Este é um caça muito capaz, completo, talvez o mais completo caça disponível no mercado hoje em dia. O Brasil tomará a decisão correta, mas posso afirmar que este é um caça de excelente capacidade."

Menos diplomático que o militar, o civil Coggins criticou os concorrentes. "Acho que o histórico dos franceses aqui no Brasil, em termos de apoio aos aviões Mirage e a helicópteros aqui em solo é horrível. E foi bem documentado por muitas pessoas aqui no Brasil. É uma das razões pela qual a Força Aérea Brasileira prefere não trabalhar com o Rafale", disse ele, garantindo que o Super Hornet seria entregue no prazo.

Decisão política

Coggins reconheceu que Brasil e França têm uma longa parceria estratégica e disse que há um elemento político na decisão. Lembrou que outras autoridades americanas visitaram ou vão visitar o Brasil nos próximos dias, como o procurador-geral, Eric Holder, a secretária de Estado, Hillary Clinton, e o secretário de Comércio, Carlos Gutierrez, indicando que todos devem pressionar em favor da proposta americana. Coggins também lembrou que Hillary, o secretário de Defesa, Robert Gates, o Congresso e o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, deram garantias aos brasileiros de transferência de tecnologia.

Admitiu, porém, que o Brasil não confia nos Estados Unidos. "A questão é: o Brasil confia nos Estados Unidos, basicamente? Não. Então, temos que trabalhar a questão da confiança. Acho que minha mensagem para as pessoas é: deem-nos a oportunidade para ganhar sua

confiança", afirmou, dizendo que a proposta americana é a que traz mais vantagens nos campos político, econômico e militar para o Brasil.

Ele comparou a situação à decisão do presidente Richard Nixon de reatar relações com a China no início da década de 70. "Vejam onde a China está hoje. Trinta anos depois (da visita de Nixon à China), teve um boom econômico, baseado em exportações, em grande parte lastreado na sua capacidade de vender nos mercados dos EUA. Estamos oferecendo a mesma oportunidade aqui no Brasil", afirmou ele, que negou, porém, que o USS Carl Vinson estivesse em "missão de vendas".

O press kit distribuído pelo Consulado dos EUA, porém, trazia, além de informações sobre Branch, outros dois militares e a embarcação, um release de sete páginas sobre o Super Hornet.



(1 Voto)

Noticiário cotidiano - Indústria naval e Offshore

Seg, 01 de Março de 2010 08:12

Com a chegada de mais um navio de dragagem ao Porto de Santos (SP), em março, o país começa a consolidar o início das obras de aprofundamento de canal dos principais terminais, o que deve favorecer as exportações brasileiras. A meta do governo é concluir a dragagem de sete dos 17 portos considerados estratégicos até o final do ano. O governo federal investe R\$ 1,6 bilhão no Programa Nacional de Dragagem (PND) para permitir a entrada de navios de maior porte e elevar em 30% a capacidade de operação dos terminais. As licitações foram concluídas há cerca de dois anos - após o lançamento do novo marco regulatório do setor - e a maioria das obras começa a sair do papel entre fevereiro e março.

"Em 2010, a dragagem vai ter uma grande participação. Estamos finalizando essas obras, que começaram em 2009 ou no início deste ano", disse o ministro dos Portos, Pedro Brito, em entrevista à EBC. Segundo ele, a dragagem representa cerca de 40% do orçamento da pasta e deve consumir cerca R\$ 800 milhões em 2010.

A maior parte das obras tem previsão de término em 2011. Porém, o governo está cobrando dos executores mais dragas para que as escavações sejam concluídas ainda em 2010. De acordo com o ministro, estão previstos desdobramentos do programa em 2011, mas com um orçamento mais modesto. Um dos beneficiados pode ser o Porto de Santos (SP).

Um dos terminais mais movimentados do país, o porto santista tem profundidade média de 13 metros. Com o aprofundamento, deve passar para 15,5 metros. O consórcio responsável pela obra deslocou uma draga para o local em fevereiro e pretende acelerar o trabalho com mais um navio, que chega em março.

Com a notícia da dragagem para 15,5 metros, Brito conta que foram fechados acordos de R\$ 200 milhões no porto para os próximos três anos. "Com a nova capacidade, navios maiores poderão chegar, reduzindo o custo do frete para o Brasil e favorecendo a cabotagem". Segundo o ministro, em 2011 o objetivo é ampliar a profundidade para 17 metros.

De acordo com a Associação Brasileira dos Terminais Portuários (ABTP), que acompanha as mudanças, o aprofundamento dos terminais é fundamental para as exportações. Embora critique a burocracia nas licitações e nas concessões de licenças ambientais, a entidade acha que o setor portuário ganhou fôlego com novas regras e com a possibilidade de empresas estrangeiras participarem das dragagens.

"O país está num bom momento. O setor agrícola vai crescer muito este ano, assim como o setor de mineração e o siderúrgico. Precisamos de mais profundidade para receber navios de maior calado e tornar nossos produtos muito mais competitivos no mercado mundial" afirmou o presidente da ABTP, Wilen Manteli.

Ao fazer um pequeno balanço do programa de dragagem, o ministro se mostra satisfeito. Para ele, esse é um desafio praticamente "vencido". Além dos investimentos do governo, destaca que cerca de R\$ 700 milhões devem ser aplicados em portos privados, nos próximos três anos, pela companhia Vale, em Vila do Conde (PA), e pela Petrobras, em Itaquí (MA) e Pecém (CE).

Ainda estão pendentes as licitações para os terminais de Paranaguá (PR), além das novas etapas de escavações nos portos de Itajaí (RJ) e de Suape (PE), sem data prevista.(Fonte: Correio Braziliense/Agência Brasil)